

MAGRAS E GORDAS

A primeira mulher por quem se apaixonou era magra, ossuda, alta. Chamava-se Serafita. Tinha olhos abismais, mas ancas estreitas. E amava com rancor, como se quisesse vingar dele, na cama. Morreu em um acidente de trânsito, como a Iracema de Adoniram Barbosa.

Durante algum tempo, absteve-se de se apaixonar. Talvez por saudade de Serafita, talvez porque andasse enfastiado. A paixão é um vinho forte. Bebido demais, deixa-nos sonolentos. E com dor de cabeça.

Foi quando apareceu Margarida. Como a outra, era também magra. Mas tinha seios opulentos e pernas longas que se enroscavam em torno de seu corpo, como uma aranha que o esmagava.

Margarida era vendedora de cosméticos e trabalhava para uma firma que a obrigava a ausentar-se semanas inteiras, a visitar os clientes. Depois de uma dessas ausências, começou a mostrar-se fria, e finalmente lhe confessou que arranjara outro amante, com quem ia casar-se.

Cerca de cinco anos depois a encontrou, trazendo pela mão duas filhas, que não se pareciam com ela. Ao contrário, eram gorduchas, e teriam puxado ao pai. Ela corou ao revê-lo, e disse às filhas: “Cumprimentem o tio”.

Solteirão, sem filhos, estava mesmo ficando para tio. Mais uns dez ou quinze anos tornar-se-ia tio-avô.

Um dia, sua mãe, que envelhecia na cadeia de balanço, repreendeu-o:

— Você já passa dos quarenta anos, e está sempre atrás de mulheres magras e rixentas. Passa de uma para outra e não se casa. Onde estão os meus netos? Trate de pensar nisso. Procure uma mulher boa, sossegada, que não viva a espetá-lo com alfinetes.

Realmente, a sua inclinação para as magras era inexplicável. Os próprios amigos riam dele:

— Qual é a próxima magra por quem você vai se apaixonar?

Magras, todas elas: Serafita, Margarida, Alice, Celina, Rivalina... Engraçado: todas tinham, no nome, o acento tônico no “i”. Eram o próprio “i”, cuja cabeça pequena era o ponto, e cujo corpo, delgado, fino, se postava diante dele como uma interrogação.

Entrou a observar as mulheres rechonchudas. Pareciam estáveis, como barcaças amarradas no cais, apenas tremulando ao vento marinho. Ou iam e vinham como caravelas, imponentes, balouçantes.

Que haveria dentro de uma gorda? Não um escrínio fechado, como nas magras, mas um alforje derramado. No meio da conversa, pareciam dormitar. Mas olhavam, gulosas, pela fresta das pálpebras. Seriam vinhos generosos, frutáveis. Devia ser restaurador o sono nos braços de uma gorda. Seria viver num plenilúvio, a pairar num céu de nuvens fofas.

Entre magras e gordas, rola o mundo. Os costureiros, os esteticistas, os dietistas, tinham lançado a moda das mulheres magras, magríssimas, como cegonhas famintas. E persistiam em promovê-las nos desfiles, nas revistas,

no cinema. Estupidez, porque nem sempre fora assim. As mulheres gordas de Rubens vendiam saúde e volúpia, em seus quadros.

Mas, demorou para escolher uma mulher gorda. Só decidiu-se afinal por uma delas, não ainda completamente gorda, apenas uma promessa de gordura, com o seu rosto redondo, e os braços roliços, lisos como marfim. Chamava-se Olga. O “o” definia-a.

Mas Olga foi relutante. Estudava-o longamente, palpando-lhe as possibilidades. Com ela, absolutamente não seria uma aventura sem roteiro. Queria o itinerário previamente definido.

A basta cabeleira negra derramava-se pelos seus ombros, escondia-lhe os olhos lunares. Ela apenas sorria e negaceava. E levou tempo para aquiescer.

Afinal, para júbilo da mãe, levou Olga para o altar e se casaram.

E foram profundamente felizes.

Antonio Carlos A. Gama

Promotor de Justiça, aposentado

Advogado

Professor de Direito

Escritor

antonicogama@gmail.com